

## Reportagem Especial

ABCC/DIVULGAÇÃO/JC

# Turismo de tradição busca autenticidade e vivência do dia a dia do gaúcho



**Parceria com o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) pretende transformar a cultura do Rio Grande do Sul em experiência turística**

**Ana Esteves**, especial para o JC

O turismo voltado à tradição gaúcha é um dos grandes motores da economia do Rio Grande do Sul. Eventos como o Acampamento Farroupilha, que deve receber mais de 2 milhões de visitantes em 2025, movimentam diretamente setores como hospedagem, alimentação, transporte e comércio, reforçando a importância dessa modalidade para o desenvolvimento regional.

Os turistas que buscam esse tipo de experiência procuram justamente a autenticidade: vivenciar o chimarrão, a música, as danças, a culinária típica, os rodeios e a hospitalidade nos Centros de Tradições Gaúchas. Para ampliar essa oferta, a Secretaria de Turismo (Setur) criou o Programa O Sul Tchê Espera, com investimento de R\$ 214 milhões e que reúne um conjunto de medidas voltadas à promoção dos destinos gaúchos e ao fortalecimento do turismo como vetor estratégico de desenvolvimento. O programa articula ações com entidades do setor, campanhas de divulgação e incen-

tivo à qualificação da oferta turística nos municípios. "A iniciativa nasce como uma grande articulação para impulsionar o turismo nas nossas regiões. Mais do que um programa, é um movimento que valoriza quem somos e projeta o Rio Grande do Sul como destino de oportunidades, cultura e desenvolvimento", frisa o secretário estadual de Turismo, Ronaldo Santini.

Um dos destaques é a parceria com o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que contará com R\$ 3,5 milhões para transformar a cultura do Rio Grande do Sul em experiência turística. A iniciativa vai valorizar os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) como espaços de recepção de visitantes, promoção de vivências e fortalecimento do turismo cultural em todo o RS.

O Estado já tem uma grande alavanca do turismo, que é a Serra Gaúcha – Gramado, por exemplo, ficou em 2º lugar na categoria melhores destinos da América do Sul no prêmio Travellers' Choice – Os melhores dos melhores de 2025, da plataforma de viagens Tripadvisor. Agora, a missão é promover aquilo que é peculiar daqui, sem descharacterizá-lo. "Esses esforços se somam a investimentos expressivos em promoção, como a campanha nacional Viva o Inverno Gaúcho, que contou com R\$ 40 milhões e mais de 50 ações promocionais em diferentes mercados, e o estímulo ao fluxo turístico regional", diz Santini.

## Cenário da Revolução foca em turismo histórico

O turismo histórico tem se destacado entre as pessoas que apreciam conhecer mais a fundo o passado dos gaúchos. É o caso dos turistas que visitam a Fazenda da Tafona, em Cachoeira do Sul (RS), em busca de detalhes sobre como era a rotina do local que foi cenário da Revolução Farroupilha. Havia uma clareira onde escondiam os cavalos na época da guerra, uma trincheira na volta toda da casa e mais de 3,5 mil documentos como a carta dizendo "falei com o Imperador e ele disse para parar com as intrigas". A casa com paredes brancas e aberturas em terracota é datada do início do século 19 e foi tombada pelo Instituto de Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural do Estado (Ipae), em 2016.

No local, trabalhavam pessoas escravizadas e, por isso, junto com o Movimento Negro, foi criado o Território Negro da Fazenda da Tafona e pedimos perdão. E também para ir contra o apagamento da história dos negros", afirma a proprietária da fazenda, Marô Vieira da Cunha Silva, que ao lado do marido Marco Aurélio de Castro administra o local. O nome Tafona remete ao moinho de farinha de mandioca e de polvilho que funcionava na



**Marô e Marco Aurélio são proprietários da Fazenda da Tafona**

propriedade. Ainda hoje é possível encontrar a estrutura original utilizada no processo.

A obra da Fazenda teria iniciado em 1813. Na época foi chamada de Estância São José, propriedade de José Vieira da Cunha, português radicado no Brasil e que se casou com a filha de João Pereira Fortes, um sesmeiro de Rio Pardo, que ajudou a construir o Forte de Rio Pardo.

A visitação ao local é feita mediante agendamento, ocorre uma vez por mês e tem crescido a cada ano. "As pessoas se emocionam quando nos visitam, por conta de ter uma história vida das pessoas escravizadas", diz Marô. A casa é dividida em uma área com museu, onde são expostos documentos e móveis antigos e outra área residencial, onde moram os proprietários.